

DESEMPENHO E PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA GAÚCHA, 1990/2006

Nali de Jesus de Souza*

Resumo: Este trabalho analisa a evolução da indústria gaúcha após 1990, com ênfase no período de 2000/2005, através do PIB, do valor das exportações e do nível de emprego, comparativamente aos demais setores, outros Estados e à economia brasileira como um todo. À luz de indicadores sociais e do desempenho de setores industriais e das exportações gaúchas, examina-se as perspectivas de crescimento industrial do RS para os próximos anos, levando-se em conta as tendências da nova economia em nível mundial. Conclui-se que a economia gaúcha é muito dependente da política macroeconômica do Governo Federal e que as dificuldades a serem encontradas pela indústria regional são as mesmas da indústria nacional: elevada carga tributária, altos custos sociais do trabalho, juros altos, educação defasada, valorização cambial e insuficiência do investimento público.

Palavras-chave: Evolução da indústria gaúcha. Exportações e perspectivas da indústria do Rio Grande do Sul.

1 Introdução

Historicamente, a economia do Rio Grande do Sul organizou-se em torno de uma base exportadora que, no início, foi o charque. A decadência das charqueadas determinou a decadência do conjunto da economia gaúcha. Aos poucos, a economia colonial italiana e alemã foi introduzindo seus produtos no mercado regional, com a cidade de Porto Alegre destacando-se como o principal centro urbano de consumo. Um segundo produto gaúcho a se destacar como base exportadora foram as tropas de mulas vendidas no centro do país, para tração, principalmente, nas minas gerais. A base exportadora acabou exercendo efeitos de encadeamento no setor de mercado interno, pela demanda de insumos e pelo efeito-renda (Souza, 2002). Novos produtos foram surgindo como base-exportação, além dos produtos agropecuários, os próprios bens produzidos nas colônias, sobretudo alimentos, mas também algumas manufaturas. Entre os imigrantes italianos e alemães surgiu um empresariado industrial que cresceu a partir do comércio inter-regional. A economia gaúcha formou-se com uma forte dependência das exportações para os demais estados. O que ocorria com a economia nacional acabava se refletindo na economia gaúcha.

Após meados da década de 1960, a economia brasileira abriu-se ao exterior, ocorreu o mesmo com a economia estadual. As exportações destinadas ao mercado nacional passaram a deslocar-se para o mercado internacional, comandadas, sobretudo, pela soja que estava se expandindo, assim como pelas vendas de calçados e de outras manufaturas, estimuladas pelos incentivos do Governo Federal. A soja ajudou a revolucionar a agricultura em todo o país pelo

* Doutor em Economia pela USP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da PUCRS (Mestrado em Economia do Desenvolvimento). Site: www.nalijosouza.web.br.com.

grande volume de renda gerado, contribuindo pela adoção de tecnologias mecânicas e bioquímicas. Desenvolveu-se a indústria produtora de insumos agrícolas, como tratores, colheitadeiras, fertilizantes, medicamentos. Isso gerou importante impacto na indústria gaúcha, cujos produtos passaram gradativamente a serem vendidos no mercado nacional, bem como no exterior do País.

2 Evolução da indústria gaúcha nos anos de 1990

A indústria gaúcha apresenta vantagens comparativas na transformação de produtos agropecuários, como os derivados de couros, carnes, lã, fumo, vinhos e grãos. No entanto, na zona colonial, sobretudo na Serra e Vale dos Sinos, desenvolveu-se importante pólo metal-mecânico, além das indústrias de móveis e calçados, por força dos imigrantes italianos e alemães que começaram no artesanato ou em pequenas oficinas de fundo-de-quintal. A produção manufatureira cresceu inicialmente pelo atendimento das necessidades das colônias por ferramentas e artefatos manufaturados para a produção e uso doméstico. Em um segundo momento, essa produção estendeu-se “aos brasileiros” dos centros urbanos do Estado e da região da Campanha, onde se praticava a pecuária tradicional. Em um terceiro momento, essa produção passou a ser colocada em mercados nacionais, no Centro do País, enfrentando a concorrência da indústria de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde se incrementava o processo de substituição de importações. Nos anos de 1970, a indústria gaúcha conseguiu inserir-se no mercado externo, graças aos incentivos do Governo Federal que deseja impulsionar as exportações de produtos manufaturados. O objetivo do governo era evitar a dependência da economia nacional às exportações agropecuárias, muito vulneráveis às flutuações dos preços externos e às demais condições do mercado internacional.

Tabela 1 - Exportações totais do Brasil e dos Estados da Região Sul, 1991/2001*

Anos	BR		RS		SC		PR	
	Valores	Var. anual	Valores	Var. anual	Valores	Var. anual	Valores	Var. anual

1991	41.143.544	-	4.286.331	-	1.964.483	-	2.351.509	-
1992	44.695.978	8,6	5.418.629	26,4	2.235.067	13,8	2.634.881	12,1
1993	46.742.118	4,6	6.278.001	15,9	2.664.925	19,2	3.008.029	14,2
1994	51.254.934	9,7	5.917.174	-5,7	2.830.444	6,2	4.127.627	37,2
1995	53.353.082	4,1	5.944.515	0,5	3.042.464	7,5	4.092.542	-0,8
1996	53.439.652	0,2	6.338.927	6,6	2.951.757	-3,0	4.752.154	16,1
1997	57.581.052	7,7	6.814.360	7,5	3.048.799	3,3	5.274.574	11,0
1998	54.641.859	-5,1	6.013.950	-11,7	2.783.714	-8,7	4.517.523	-14,4
1999	50.491.060	-7,6	5.256.886	-12,6	2.699.959	-3,0	4.135.667	-8,5
2000	56.407.794	11,7	5.918.676	12,6	2.776.791	2,8	4.497.513	8,7
2001	58.222.642	3,2	6.345.359	7,2	3.028.399	9,1	5.317.509	18,2
Taxa cresc.1991/2001		2,8	-	1,8	-	2,8	-	6,9

Fonte dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi). Obs.: * Valores em US\$ 1.000 a preços de 2001 e variação anual em %.

2.1 Mudança da estrutura das exportações na década de 1990

Os anos de 1990 foram caracterizados pela abertura da economia brasileira às importações, no contexto do plano nacional de modernização industrial, e pelo fim do processo inflacionário. As políticas comerciais tinham também como objetivo combater a inflação, ao aumentar a oferta interna de bens, no contexto da âncora cambial (ver Souza, 2001). Assim, o desempenho do setor externo do Brasil e dos diferentes Estados apresentou uma evolução bastante diferenciada nos anos de 1990, em relação à década anterior. Entre 1991 e 2001, as exportações gaúchas cresceram 1,8% em média, abaixo do ritmo de crescimento das exportações nacionais (2,8%). No RS a queda das exportações foi mais intensa em 1998 e 1999 sendo o seu crescimento negativo em 1994 (- 5,7%), enquanto no Brasil elas cresceram 9,7% (Tabela 1). As exportações do RS são, portanto, mais sensíveis às crises externas e às políticas comerciais adversas do Governo Federal.

Tabela 2 - Exportações do RS por grupos de produtos e variação anual, 1991/2001*

Anos	Básicos	Var. anual	Industrializados	Var. anual	Semi-industr.	Var. anual	Manufaturados	Var. anual	Operações especiais	Total	Var. anual
1991	1.333	-	2.942	-	467	-	2.476	-	12	4.286	-
1992	1.897	42,3	3.505	19,1	543	16,4	2.962	19,7	17	5.419	26,4
1993	2.017	6,3	4.246	21,1	583	7,3	3.663	23,6	15	6.278	15,9
1994	1.782	-11,7	4.112	-3,1	730	25,3	3.382	-7,7	23	5.917	-5,7
1995	1.721	-3,4	4.202	2,2	878	20,2	3.324	-1,7	22	5.945	0,5
1996	2.012	16,9	4.302	2,4	779	-11,2	3.523	6,0	24	6.339	6,6
1997	2.352	16,9	4.434	3,1	769	-1,3	3.665	4,0	28	6.814	7,5
1998	1.880	-20,1	4.099	-7,6	757	-1,5	3.341	-8,8	35	6.014	-11,7
1999	1.560	-17,0	3.661	-10,7	681	-10,1	2.980	-10,8	37	5.257	-12,6

2000	1.583	1,5	4.268	16,6	639	-6,2	3.629	21,8	68	5.919	12,6
2001	2.205	39,3	4.084	-4,3	666	4,2	3.418	-5,8	57	6.345	7,2
Taxa cresc 1991/01	1,3	-	1,8	-	2,6	-	1,7	-	-	1,8	

Fonte dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi). Obs.: * Valores em US\$ 1.000 a preços de 2001 e variação anual em %.

Nesse período, foram as exportações de produtos semi-industrializados do RS que mais cresceram (2,6%), seguido de produtos manufaturados (1,7%) e de produtos básicos (1,3%) (Tabela 2). As exportações manufaturadas cresceram bastante entre 1992 e 1993, declinando nos dois primeiros anos do Plano Real e em 1998 e 1999. No ano 2000, em função da desvalorização do real, as exportações manufaturadas passaram a crescer rapidamente (21,8%). O crescimento negativo em 2001 (-5,8%) se deve à crise da economia argentina, um dos principais importadores do Brasil. Em 2001, as exportações totais do Estado ainda cresceram razoavelmente (7,2%), graças ao bom desempenho das exportações de produtos básicos (+39,3%). Nesse ano, em relação ao total, caíram as participações das exportações de bens de capital e de bens de consumo, com um ligeiro aumento da participação das exportações de bens intermediários (Tabela 3).

Tabela 3 - Exportações Rio Grande do Sul por tipos de bens, 2000 e 2001*

Países	2001	Participação	2000	Participação	Variação anual
Bens de capital	514.408.671	8,1	494.606.262	8,4	4,0
Bens intermediários	3.462.578.400	54,6	3.151.172.678	53,2	9,9
Bens de consumo	2.308.127.210	36,4	2.200.343.576	37,2	4,9
Combustíveis e lubrificantes	3.558.955	0,1	4.951.426	0,1	-28,1
Outras exportações	56.685.608	0,9	67.601.539	1,1	-16,1
Total das exportações	6.345.358.844	100,0	5.918.675.481	100,0	7,2

Fonte dados brutos: Mdic/Sessex (www.mdic.gov.br) e Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (www.westegg.com/inflation/infl.cgi). Obs.: * US\$ 1.000 a preços de 2001 e participação e variação anual em %.

2.2 Evolução da estrutura do emprego na década de 1990

Nos anos de 1990 a economia brasileira passou por um período de reestruturação em função da abertura ao exterior. O aumento da concorrência e a redução de preços dos insumos industriais importados aumentaram o desemprego. As empresas modernizaram o seu parque industrial, aumentando o desemprego tecnológico. Houve estímulo do Governo Federal à modernização industrial, ao criar em 1989 o Plano Nacional de Competitividade Industrial. Abertura comercial e a modernização tecnológica afetaram igualmente a economia gaúcha. Em

2000, as principais indústrias do RS eram calçados, alimentos e bebidas, construção civil, metalurgia, madeira, mobiliário, borracha, fumo e couros (Tabela 4).

Entre 1990 e 2000, a indústria do RS criou 24.766 empregos (4,4%), enquanto no conjunto do Brasil houve queda de 590.542 empregos (-8,6%). No RS, o crescimento do emprego do conjunto da indústria deveu-se, basicamente, ao desempenho da construção civil, dos setores de alimentos e bebidas, madeira e mobiliário e Química. O desemprego foi substancial nas indústrias têxtil, borracha, fumo/couros, metalúrgica e mecânica. Serviços industriais de utilidade pública desempregaram quase três mil pessoas na década de 1990. No nível nacional, as poucas indústrias que criaram emprego foram: construção civil, alimentos e bebidas, madeira e mobiliário e calçados; enquanto as que mais desempregaram em nível nacional foram: Borracha, fumo e couros, Têxtil, Eletrônica e comunicações, Mecânica e Metalúrgica. Isso se deve à reestruturação da indústria brasileira provocada pela abertura às importações, que aumentou a concorrência interna de produtos importados, como facilitou a importação de máquinas e equipamentos que gerou desemprego tecnológico.

Tabela 4 - Nível de emprego, variação real e taxa de crescimento do emprego do Rio Grande do Sul e do Brasil, por setor de atividade, 1990/2000

Setores de Atividade	1990		2000		RS		BRASIL	
	RS	BRASIL	RS	BRASIL	Variação	%	Variação	%
Extrativa Mineral	5.886	130.875	4.564	108.083	-1.322	-22,5	-22.792	-17,4
Míner. não metálicos	13.286	310.772	13.184	271.050	-102	-0,8	-39.722	-12,8
Indústria metalúrgica	52.621	569.350	44.928	475.526	-7.693	-14,6	-93.824	-16,5
Indústria mecânica	40.290	368.573	36.393	274.594	-3.897	-9,7	-93.979	-25,5
Elétrico/comunicação	12.680	328.719	11.919	190.839	-761	-6,0	-137.880	-41,9
Material transporte	19.134	378.170	22.658	294.791	3.524	18,4	-83.379	-22,0
Madeira e mobiliário	33.668	341.195	41.758	388.543	8.090	24,0	47.348	13,9
Papel e gráfica	19.898	318.550	23.481	304.737	3.583	18,0	-13.813	-4,3
Borracha/fumo/couro	49.818	370.019	41.503	216.478	-8.315	-16,7	-153.541	-41,5
Indústria química	30.936	514.023	38.252	503.245	7.316	23,6	-10.778	-2,1
Indústria Têxtil	33.821	831.414	25.147	688.849	-8.674	-25,6	-142.565	-17,1
Indústria calçados	117.620	226.634	119.271	238.411	1.651	1,4	11.777	5,2
Alimentos/Bebidas	74.645	907.017	85.242	970.955	10.597	14,2	63.938	7,0
Serv Utilidad Pública	21.662	323.392	18.706	289.896	-2.956	-13,6	-33.496	-10,4
Construção civil	43.274	959.341	66.999	1.071.505	23.725	54,8	112.164	11,7
Indústria	569.239	6.878.044	594.005	6.287.502	24.766	4,4	-590.542	-8,6
Terciário	1.065.838	14.201.446	1.197.644	18.411.567	131.806	12,4	4.210.121	29,6
Agricultura	27.803	372.960	67.953	1.051.672	40.150	144,4	678.712	182,0
Outras/ignoradas	83.631	1.746.206	85	1.508	-83.546	-99,9	-1.744.698	-99,9
Total geral	1.746.511	23.198.656	1.859.687	25.752.249	113.176	6,5	2.553.593	11,0

O setor terciário acabou absorvendo grande parte do pessoal desempregado pela indústria, principalmente no conjunto do Brasil, onde ele cresceu 29,6%, representando mais 4.210.121 novos empregos. A taxa de crescimento do emprego no setor terciário do RS foi mais modesta: 12,4%, ou mais 131.806 novos postos de trabalho. A Agricultura gaúcha empregou mais 40.150 pessoas.¹

3 Evolução da economia gaúcha nos anos de 2000

Nos anos de 1990, a economia mundial passou por uma grande transformação, fruto da extraordinária mudança tecnológica: robotização do processo produtivo, com grande economia de mão-de-obra; novos produtos revolucionários (informática, eletrônica, comunicações); globalização dos capitais fixos e financeiros; intenso processo de privatizações, que atingiu fortemente a economia brasileira; formação e consolidação de blocos econômicos regionais, etc. O Brasil vinha desde os anos de 1980 com um forte processo inflacionário e grande volume de dívida externa; a implantação e a consolidação do Plano Real, com um processo político estável, foi uma vitória de toda a sociedade brasileira, que conseguiu enfrentar e vencer as crises externas ocorridas no México, Rússia e Coréia do Sul.

3.1 Desempenho global da indústria gaúcha no início da década de 2000

As turbulências das crises externas e da própria crise econômica brasileira, no final dos anos de 1990, foram controladas rapidamente pela equipe econômica do Governo Fernando Henrique Cardoso. No início dos anos de 2000 a economia brasileira retomou a sua trajetória de crescimento com estabilidade, com reflexos positivos na economia gaúcha. Porém, embora a economia estadual tenha acompanhado o crescimento do Brasil (4,4%), o seu PIB industrial ficou bem abaixo do ritmo de expansão do PIB industrial brasileiro (1,74%), conforme a Tabela 5.

Tabela 5 - Taxa de variação real do PIB total e industrial do Brasil e do RS, 2000 a 2005 (%)

Anos	Brasil		RS	
	PIB total	PIB industrial	PIB total	PIB industrial

¹ A Agricultura apresentou um crescimento substancial, mas como essas estatísticas coletadas pela RAIS dizem respeito ao emprego formal, pode ocorrer que os dados de 1990 estejam subestimados.

² A Agricultura apresentou um crescimento substancial, mas como essas estatísticas coletadas pela RAIS dizem respeito ao emprego formal, pode ocorrer que os dados de 1990 estejam subestimados.

2000	4,40	4,80	4,40	1,74
2001	1,30	-0,50	4,20	3,30
2002	1,00	2,60	1,80	3,80
2003	0,50	0,10	2,20	1,60
2004	4,90	6,20	4,30	7,40
2005	2,60	3,27	-4,80	-4,80

Fonte: IBGE e FEE

Contudo, em 2001 ocorreu o inverso, com a indústria gaúcha se recuperando, enquanto a indústria brasileira amargava uma recessão. Entre 2001 e 2004 a indústria gaúcha cresceu em ritmo superior ao conjunto do Brasil, embora com a presença das altas taxas de juros e taxa cambial valorizada, o que vem reduzindo a competitividade das exportações brasileiras. Pode-se atribuir o melhor desempenho da indústria gaúcha, assim como do conjunto da economia, às boas safras ocorridas em 2003 e 2004, o que explicaria também a recessão ocorrida no conjunto da economia em 2005, através da forte estiagem ocorrida nos verões de 2004 e 2005. O fato do PIB industrial e do PIB total ter crescido em 2004 indica que existe uma defasagem entre os efeitos da crise agrícola sobre o conjunto da economia. Em outras palavras, as compras de bens e serviços efetuados pela população rural em 2003 ainda estavam se repercutindo no conjunto da cadeia produtiva dos setores econômicos em 2004. Similarmente, a menor demanda do meio rural, em 2005, deverá se repercutir negativamente em 2006, quando a indústria deverá crescer menos.

O desempenho da indústria gaúcha é calculado pela FIERGS, com base na agregação dos seguintes indicadores de conjuntura: *a)* compras totais de insumos; *b)* vendas totais; *c)* grau de utilização da capacidade instalada; *d)* horas trabalhadas na produção; e *e)* salários totais pagos. Esses índices, relativos a 2003, 2004 e 2005, encontram-se na Tabela 6.

Tabela 6 – Índice de desempenho da indústria do Rio Grande do Sul, 2003/2005 e projeção do desempenho para 2006 segundo dois cenários diferentes.

Tipo de indústria	2003	2004	2005*	2006	
				Cenário I	Cenário II
Metalurgia	-10,4	6,2	-3,0	6,3	5,8
Mecânica	15,8	9,0	-8,2	5,5	3,2
- Máquinas agrícolas	28,3	12,8	-13,2	8,3	5,2
Material elétrico	9,7	12,4	-5,2	4,5	3,9
Material de transporte	1,5	16,8	2,3	4,2	3,4
Mobiliário	-4,2	11,4	-3,6	3,9	2,7
Borracha	16,1	27,8	1,7	6,5	4,8
Couros e peles	-1,2	7,0	-6,5	3,2	1,8

Química	16,6	17,7	3,9	3,1	2,4
Vestuário e Calçados	-0,2	4,0	-7,3	3,5	2,4
Calçados	-0,9	3,5	-8,6	2,4	2,2
Produtos Alimentares	-4,5	9,2	13,4	6,1	5,2
Bebidas	0,1	3,9	6,8	9,8	8,1
Editorial e gráfica	-6,3	1,6	0,3	11,2	9,1
Têxtil	14,6	10,6	11,0	8,5	7,1
Madeira	-4,7	-3,7	-0,4	2,8	1,4

Fonte: Unidade de Estudos Econômicos da FIERGS. Balanço 2005 & Perspectivas 2006, p.5

(<http://aplicativos.sistemafiergs.org.br/docsfiergs.nsf>). Obs.: * Estimativas para 2005 feitas pela FIERGS. Notas: Cenário I:

Coerência macroeconômica (manutenção da ordem econômica vigente, sem sobressaltos); Cenário II: *Rompimento macroeconômico* (o debate político teria reflexos negativos sobre o cenário macroeconômico, mesmo na ausência de choques externos).

Por esses índices, em 2003 os piores desempenhos foram, pela ordem, das indústrias metalúrgicas, editorial e gráfica, madeira, produtos alimentares e mobiliário. Em 2004, todos os ramos industriais gaúchos apresentaram desempenho positivo, exceto a indústria da madeira. Já em 2005, dos 16 setores industriais apresentados na Tabela 6, nove apresentaram desempenho negativo e sete mantiveram seu desempenho positivo do ano anterior, inclusive com a boa recuperação de produtos alimentares e bebidas. Como já foi visto, o fraco desempenho da indústria gaúcha, em 2005, se deve à forte estiagem de 2004/2005, além da defasagem cambial.³

3.1 Evolução do emprego da indústria de transformação da metal-mecânica, 2000/2005

Essa crise do último ano representou menos 19.792 empregos formais na indústria de transformação do RS, sendo menos 5.454 somente na indústria metal-mecânica. A participação do emprego da indústria de transformação gaúcha no total da indústria brasileira era 10,9% em 2000, 9,5% em 2003, 10,4% em 2004 e 9,8% no primeiro trimestre de 2005. O mesmo ocorreu com o grupo da metal-mecânica (6,9%) que mostrou uma trajetória similar ao conjunto da indústria de transformação (Tabela 7). O melhor desempenho foi da Mecânica, cuja participação no conjunto da indústria brasileira cresceu no primeiro trimestre de 2005 (+0,2%). Porém, a participação dessa indústria caiu de 13,6% em 2000 para 10,2% em 2002 e 10,3% em 2003.

Tabela 7 - Número de pessoal ocupado na indústria de transformação e na indústria metal-mecânica do RS e sua participação no emprego industrial brasileiro, 2000 a 2005

Tipo de indústria	2000	2001	2002	2003	2004	2005*
Total da indústria brasileira	1.588.015	1.577.947	1.472.448	1.508.047	1.712.454	1.713.153

³ A taxa de câmbio em relação ao dólar norte-americano oscilou entre R\$ 2,90 e R\$ 2,93 entre março e setembro de 2004, e de R\$ 2,59 a R\$ 2,35 no mesmo período de 2005. Em março de 2006 ela se encontrava a R\$ 2,15/US\$.

Indústria de transformação do RS	544.257	541.727	504.275	514.641	612.604	592.812
(RS/Brasil) (%)	10,9	10,6	9,6	9,5	10,4	9,8
Indústria metal mecânica do RS	121.263	94.412	86.924	91.881	112.757	107.303
(RS/Brasil) (%)	9,6	7,3	6,6	6,7	7,4	6,9
Metalurgia básica	46.504	39.123	36.516	39.089	46.504	43.209
(RS/Brasil) (%)	9,5	7,8	7,1	7,3	7,9	7,2
Mecânica	38.062	32.390	30.687	32.327	36.997	38.100
(RS/Brasil) (%)	13,6	11,2	10,2	10,3	10,6	10,8
Material elétrico e de comunicação	11.386	10.757	8.171	9.528	11.642	10.389
(RS/Brasil) (%)	5,9	5,7	4,4	5,1	5,5	4,8
Material de transporte	25.311	12.142	11.550	10.937	17.614	15.605
(RS/Brasil) (%)	8,4	3,9	3,7	3,3	4,7	4,0

Obs.: * Dados referentes a 01/04/2005

Fonte: CAGED - MTE.

As indústrias metalurgia básica e material elétrico e de comunicação apresentaram uma queda similar ao do conjunto da indústria de transformação do Estado, em termos de participação no conjunto da indústria brasileira. O pior desempenho foi de material de transporte, que de uma participação de 8,4% em 2000, reduziu-se para 3,3% em 2003, elevando-se um pouco no ano seguinte (4,7%), mas reduzindo-se para 4% no primeiro trimestre de 2005. Pode-se afirmar que a retração da demanda agrícola tenha afetado essa indústria, mas sua participação na indústria brasileira vinha se retraindo mesmo nos anos de boa safra, 2002 e 2003; pode-se inferir que as altas taxas de juros e o câmbio valorizado tenha sido o principal responsável pelo menor desempenho do setor, o que pode ter afetado as suas exportações.

3.2 Desempenho das exportações gaúchas, 2000/2005

A Tabela 8 parece indicar que, entre os 15 maiores Estados exportadores do Brasil, RS, Santa Catarina e o Paraná sejam muito sensíveis aos efeitos das estiagens e da taxa de câmbio valorizada, pois suas participações no total das exportações brasileiras reduziram-se depois de 2003. Nesse ano, o RS era o segundo maior Estado exportador do Brasil, com 11% do total das exportações nacionais, seguido por Minas Gerais, com 10,2%. Em 2004, esse Estado já havia deslocado o RS para a terceira posição, chegando em 2005 com 11,4% de participação, contra 8,8% para a economia gaúcha. Observa-se que essas participações aumentaram, tanto para São Paulo, como para Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e outros Estados.

Tabela 8 - Exportações dos Estados Brasileiros, 2003, 2004 e 2005*

Estados	2003		2004		2005	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
01. São Paulo	30.744.391	31,6	310.387.882	32,2	380.076.926	32,1
02. Minas Gerais	74.341.615	10,2	102.468.936	10,6	135.007.694	11,4
03. Rio Grande do Sul	80.132.632	11,0	98.665.429	10,2	104.536.844	8,8
04. Paraná	71.532.350	9,8	91.588.640	9,5	00.226.689	8,5
05. Rio de Janeiro	48.441.127	6,6	70.251.893	7,3	81.912.952	6,9
06. Bahia	32.587.724	4,5	40.722.108	4,2	59.877.436	5,1
07. Santa Catarina	36.957.864	5,1	49.432.608	5,1	55.841.245	4,7
08. Espírito Santo	35.345.639	4,8	40.273.778	4,2	55.914.542	4,7
09. Pará	26.775.210	3,7	37.895.222	3,9	48.076.378	4,1
10. Mato Grosso	21.861.584	3,0	30.451.801	3,2	41.516.110	3,5
11. Amazonas	12.999.219	1,8	13.805.693	1,4	21.439.790	1,8
12. Goiás	11.022.025	1,5	12.265.017	1,3	18.162.943	1,5
13. Maranhão	7.397.979	1,0	11.950.601	1,2	15.010.339	1,3
14. Mato Grosso do Sul	4.981.075	0,7	7.467.815	0,8	11.490.181	1,0
15. Ceará	7.609.273	1,0	7.841.619	0,8	9.304.509	0,8
Demais Estados	28.111.687	3,8	39.283.341	4,1	44.688.117	3,8
Total	730.841.395	100,0	964.752.383	100,0	1.183.082.695	100,0

Obs.: * Valores em US\$ 1.000 correntes.

Observa-se, pelo exame da Tabela 9, que o principal responsável pela perda de dinamismo das exportações gaúchas foi o setor agropecuário (22,9% do total das exportações gaúchas, para 15,1%) e não as indústrias de transformação no seu conjunto (75,6%, para 83,4%), ou os serviços (1,18%, para 1,31%).

Tabela 9 – Exportações do Rio Grande do Sul por setores e por produtos, 2003/2005*

Setores e produtos	2003		2004		2005	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Agropecuária	1.837.387	22,93	2.104.542	21,30	1.578.902	15,10
Pesca	3.178	0,04	3.304	0,03	2.393	0,02
Indústrias extrativas	16.560	0,21	19.012	0,19	15.167	0,15
Indústrias transformação	6.061.576	75,64	7.650.773	77,45	8.720.546	83,42
15- Produtos alimentícios e bebidas	1.474.343	18,40	1.878.454	19,02	2.086.500	19,96
16 – Produtos do fumo	22.209	0,28	28.062	0,28	32.673	0,31
17- Produtos têxteis	58.652	0,73	65.777	0,67	75.978	0,73
18- Vestuário e acessórios	12.982	0,16	23.646	0,24	29.310	0,28
19- Couros, artef. Couro e calçados	1.602.912	20,00	1.791.943	18,14	1.823.520	17,44
20- Produtos de madeira	119.049	1,49	147.246	1,49	146.677	1,40
21- Celulose, papel e produtos de papel	115.961	1,45	142.339	1,44	150.572	1,44
22- Editorial e gráfica	9	0,11	8.384	0,08	8.443	0,08
23- Coque, refino petróleo, combustíveis e álcool	8.716	0,11	30.005	0,30	108.465	1,04

24- Produtos químicos	762.305	9,51	937.190	9,49	1.289.260	12,33
25- Artigos de borracha e plástico	102.939	1,28	131.751	1,33	162.988	1,56
26- Produtos de minerais não-metálicos	60.021	0,75	76.394	0,77	80.081	0,77
27- Metalurgia básica	38.145	0,48	37.827	0,38	61.843	0,59
28- Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	126.573	1,58	190.109	1,92	196.736	1,88
29- Máquinas e equipamentos	643.755	8,03	991.048	10,03	1.131.979	10,83
30- Máquinas p/escritório e equip. informática	36.564	0,46	51.995	0,53	81.097	0,78
31- Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	37.591	0,47	50.840	0,51	96.772	0,93
32- Mat eletrônico e equipamentos comunicações	70.006	0,87	79.833	0,81	76.849	0,74
33- Equip médico-hospitalares, instrum. precisão e ópticos, automação ind., cronômetros e relógios	17.874	0,22	19.570	0,20	31.317	0,30
34- Veículos automotores, reboques e carrocerias	503.279	6,28	614.900	6,22	698.864	6,69
35- Outros equipamentos de transporte	2.637	0,03	2.822	0,03	3.166	0,03
36- Móveis e indústrias diversas	235.941	2,94	350.636	3,55	347.456	3,32
Serviços	94.563	1,18	100.971	1,02	136.677	1,31
TOTAL	8.013.263	100	9.878.602	100	10.453.684	100

Obs.: * Valores em US\$ 1.000 correntes.

Entre os seis principais grupos da indústria de transformação que mais exportaram entre 2003/2005, o único grupo de indústria que reduziu sua participação no total exportado pelo Estado foi couros, artefatos de couros e calçados (20% em 2000, para 17,44% em 2005). Contudo, o valor exportado aumentou de US\$ 1.603 milhões, para US\$ 1.823. Entre os grupos que aumentaram a participação nas exportações totais, o maior destaque foi para produtos alimentícios e bebidas, o que correspondeu a um aumento de US\$ 1.474 milhões de dólares exportados em 2003, para US\$ 2.086 bilhões em 2005. Isso se explica porque, apesar da estiagem, as indústrias processadoras podem ter importado insumos. A seguir, têm-se máquinas e equipamentos (8%, para 10,83%, ou de US\$ 644 milhões, para US\$ 1.132 milhões) e móveis e indústrias diversas (2,94%, para 3,32%; US\$ 236 milhões, para US\$ 347 milhões).

Constata-se que, apesar de haver queda na participação das exportações gaúchas no total exportado pelo Brasil, entre 2003 e 2005, aumentou o total das exportações gaúchas, que subiram de US\$ 8.013 milhões em 2003, para US\$ 10.454 milhões em 2005. Isso ocorreu apesar da forte estiagem de 2004 e 2005 e da desvalorização cambial. Deve-se encontrar a explicação no forte crescimento da economia mundial dos últimos anos, comandada pelo intenso crescimento da economia chinesa. Uma outra constatação diz respeito à diversificação da indústria de transformação do Rio Grande do Sul, que está tornando o conjunto da economia mais desvinculado das vicissitudes do setor agropecuário, e à importância do setor exportador gaúcho que consegue manter seu dinamismo de crescimento em resposta à demanda nacional e mundial.

3.3 Indicadores sociais do Rio Grande do Sul

A maior diversificação industrial da economia gaúcha, a estrutura e a miscigenação de sua população e a melhor distribuição de renda em relação ao conjunto do país se refletiram na constituição de indicadores sociais mais favoráveis em termos de desenvolvimento. No ano 2000, a população gaúcha era de 10.187.798 habitantes (+1,2% em relação a 1991, contra +1,6% para o Brasil). Este percentual é similar ao dos países desenvolvidos, cuja população cresce lentamente. A taxa de urbanização naquele ano foi de 81,6%, um pouco acima do percentual brasileiro (81,2%). Em 2004, havia 17 cidades com mais de 100 mil habitantes, sendo 9 na Região Metropolitana de Porto Alegre. O PIB gaúcho *per capita* foi de R\$ 13.995, em 2004, valor superior à média brasileira para aquele ano (R\$ 9.729). Isso indica uma população urbana consumidora considerável, constituindo mais um fator de atração das indústrias que seguem a localização da população, como a indústria alimentar.

Os indicadores sociais do RS são melhores do que os do Brasil em seu conjunto. Em 2000, a taxa de analfabetismo foi de 5%, contra 10,5% para o Brasil; o mesmo se observa para outros indicadores sociais: mortalidade infantil, 15,9% (Brasil, 25,1%); expectativa de vida, 73,4 anos (Brasil, 69,3 anos). A taxa de escolaridade também é mais elevada no conjunto do Estado, com níveis de maior excelência nas regiões de colonização italiana e alemã (Serra, Vale do Rio dos Sinos, parte da Região Metropolitana de Porto Alegre, Regiões do Norte Colonial), constituindo um forte fator de atração de novas empresas de fora do RS.

3.4 Estiagem e desemprego no Rio Grande do Sul

Nos verões de 2004 e 2005 houve uma forte estiagem no RS, afetando, sobretudo, as lavouras de soja, milho, trigo, fumo e arroz, entre outras. As últimas grandes secas haviam ocorrido em 1990 e 1991. Em 2005, o PIB gaúcho caiu 4,8%, aumentando no conjunto do País (2,6%). Em 2004 o PIB do RS já havia crescido menos do que no ano anterior (3%, contra 8%). Um dos responsáveis da queda do PIB total, em 2005, foi a redução de 15,2% do PIB da agropecuária. Como a indústria tem uma grande participação no conjunto da economia, essa expressiva redução não chegou a afetar substancialmente o PIB total; isso se explica porque o percentual de queda da indústria de transformação foi menor (-4,5%) e os serviços cresceram 0,5%, embora a construção civil tenha tido uma queda igualmente significativa de 9,8% (FEE-RS).

Além da estiagem, houve o efeito câmbio valorizado, que também afeta negativamente a economia gaúcha, com setor exportador significativo. Os ramos da indústria de transformação com maior redução do nível da atividade foram máquinas e equipamentos, mobiliário, produtos químicos, fumo, calçados e artigos de couro. Diante desse menor ritmo de crescimento da economia gaúcha, a participação do PIB estadual no PIB nacional reduziu-se de 8,5% em 2004,

para 7,8% em 2005. Como resultado, sobretudo, desses dois fatores (estiagem e valorização cambial), a taxa de desemprego (desempregados em relação à população economicamente ativa) atingiu 13,6% em fevereiro de 2006, contra 13,2% em janeiro. Esse aumento de 0,4% corresponde a mais 7 mil desempregados, sendo 3 mil na indústria, com queda também nos serviços e aumento no comércio. O saldo é positivo, no entanto, em relação aos últimos 12 meses, o que correspondeu a um aumento de 54 mil trabalhadores no mercado formal.

O dólar comercial em queda (2,153 em 22/3/2006) explica o desalento dos empresários em relação às exportações. Essa pressão sobre o dólar resulta tanto dos grandes saldos comerciais do país e dos afluxos de capitais externos, como da política de juros altos, fundamentada no interesse do Governo Federal em reduzir sua dívida interna atrelada ao dólar. Porém, a desvalorização cambial de 1998/99, por configurar uma crise, também elevou as taxas de desemprego do RS. Em outubro de 1997, a taxa de desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre era 12,6%, aumentando para 16,9 em outubro de 1998 e para 19,7% em outubro de 1999, a mais elevada desde 1990. Em outubro de 2000 essa taxa já havia caído para 16,3%, fruto provavelmente da retomada das exportações em virtude da desvalorização do câmbio. Em outubro de 2005 ela havia caído para 14,8% e para 12,2% em janeiro de 2006, como já foi referido.

4 Perspectivas de crescimento da indústria do Rio Grande do Sul

Nos primeiros anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, os países da América Latina reivindicavam uma ajuda econômica substancial para a região nos moldes do Plano Marshall para a Europa. Havia a idéia de que a industrialização era indispensável para o crescimento e o desenvolvimento econômico. País industrializado era sinônimo de país desenvolvido. Foi criada a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), que começou a realizar estudos empíricos para o desenvolvimento da América Latina. No Brasil, foram formadas diversas comissões de estudos de nossa situação econômica, entre elas a Comissão Mista Brasil - Estados Unidos. Os técnicos brasileiros dessa comissão sugeriram e o Governo Vargas criou empresas estatais, como a Companhia Siderúrgica Nacional, Petrobrás, Eletrobrás, BNDE, e trabalharam na elaboração do Programa de Metas do Governo JK. Esse governo implantou a indústria automobilística, a indústria da construção naval e outras indústrias de base e o Brasil cresceu a taxas elevadas até 1961.

Durante os anos de 1970 o Brasil voltou a crescer com altas taxas, baseado nas exportações agrícolas, que se diversificavam rapidamente, e nas exportações manufaturadas, que recebiam fortes incentivos estatais. A mesma estratégia de crescimento com base nas exportações era adotada pela Coreia do Sul (Japão e outros países ricos já adotavam essa

estratégia há mais tempo) e outros países asiáticos, que passaram a serem conhecidos como *tigres asiáticos*. A China é hoje o país que mais cresce no mundo e em breve será a principal economia do planeta. Sua estratégia é exportar produtos manufaturados, com tecnologia e trabalho intensivos, o que consegue tendo em vista os seus baixos custos com o fator mão-de-obra. Além disso, esse país combina uma indústria voltada para o mercado interno, no interior do país, altamente resguardada, sobretudo, pelas distâncias, além da proteção dada pela legislação chinesa, e uma indústria moderna, composta por multinacionais e por empresas estatais, na faixa litorânea, nos grandes centros urbanos, bem como nas chamadas zonas especiais de exportação. Aliado a isso, tem-se o planejamento centralizado, com a definição de rumos para a economia, contando-se objetivos bem definidos em relação a metas estratégicas para a industrialização e o crescimento econômico.

Hoje, não basta ser industrializado, para que determinado país seja considerado desenvolvido. Além de indicadores sociais favoráveis, como distribuição de renda, número de pessoas pobres, níveis educacionais e de saúde, o grau de desenvolvimento é medido também pelo grau de diversificação da pauta exportadora, tendo predominância de produtos manufaturados de tecnologia intensiva, de alto valor agregado. Isso reflete também elevado conteúdo de conhecimento tecnológico e de educação. De outra parte, as exportações de serviços tende a crescer nos EUA, Japão e países europeus, como consultorias, obras de engenharia, informática, turismo, entre outras.

Depois dos estudos de Romer, de 1986, constatou-se que o capital humano (educação, saúde, conhecimento técnico) é muito mais produtivo do que o capital físico (Rigotto & Souza, 2005), porque não se deprecia e apresenta rendimentos crescentes. Desse modo, os países industrializados que investem em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e processos; que aumentam os gastos com educação básica e profissionalizante (ensino técnico); que orientam as suas economias para a exportação, inserindo-se dinamicamente na economia mundial, tendem a crescer mais rapidamente, em relação aos países mesmo industrializados, que continuam na contramão das tendências da moderna economia mundial.

4.1 A nova economia

Nos dias atuais, estamos passando para uma sociedade do conhecimento. As exportações norte-americanas de bens intangíveis, por exemplo, constituídas por *softwares*, patentes, *royalties*, serviços de consultoria, filmes e músicas, sobretudo, passaram de 3% do total em 1994, para 17% em 1999, com estimativa que tenham alcançado 25% no ano 2000. Levando em conta que as exportações de bens intensivos em tecnologia, como aviões, computadores e robôs incorporam grande volume de conhecimento, as exportações de bens intangíveis atingiriam a

expressiva marca de 70% do total em 2000 (Cavalcanti & Gomes, s/d., p. 3).

A sociedade do conhecimento – a nova economia – corresponde a um modelo de produção flexível, com economias de escala pelo aumento da produção (daí, outra necessidade da exportação), com mão-de-obra altamente especializada, o que requer altos conteúdos de educação e treinamento. Não basta o conhecimento da técnica, da função em si, mas o trabalhador qualificado de hoje precisa ter bom domínio de informática e da língua inglesa e ter um bom conhecimento do mundo em que se insere. Os novos setores que estão surgindo determinarão o ritmo do dinamismo de crescimento da indústria na próxima década. Esses setores são biotecnologia e agroindústria (alimentos cada vez mais processados, praticamente prontos para serem consumidos), informática e softwares, produtos aeroespaciais, petroquímica e química fina, atividades turísticas e culturais, que demandam infra-estruturas cada vez de melhor qualidade.

As novas tecnologias e a abertura econômica estão tornando as indústrias mais intensivas em capital, com mudanças drásticas na estrutura do emprego, com a demissão de trabalhadores e o aumento da qualificação e do rendimento médios daqueles que permanecem no emprego. Contudo, em vez do desemprego aumentar, novos postos de trabalho serão criados. Segundo Pastore, a expansão econômica proporcionada pela robótica, entre 1996/98, criou mais de dois milhões de empregos em atividades de difícil execução pelo homem, e outros dois milhões de pessoas passaram a trabalhar na manutenção de robôs (Pastore, s/d., p. 2). No entanto, os impactos das novas tecnologias sobre o emprego dependerão da flexibilização da legislação trabalhista, o que aumenta a competição entre o emprego de trabalho e o emprego de capital (Pastore, s/d., p. 6).

A estabilização econômica, as privatizações e a liberação econômica melhoraram o ambiente econômico no Brasil. Nos debates atuais, número crescente de economistas está demandando um grande programa de investimentos em áreas estratégicas, sobretudo infra-estruturas e na indústria, com cooperação intensa entre governo e iniciativa privada.

Os grandes investimentos realizados no Brasil, nos últimos anos, concentraram-se em setores intensivos em capital, que requerem mão-de-obra bem mais qualificada do que a média da economia. Isso exige maiores investimentos em educação, sobretudo a técnica, e redução dos encargos trabalhistas. Segundo Pastore (s/d., p. 15), “... em decorrência de dispositivos constitucionais e legais, a contratação legal de um trabalhador impõe despesas da ordem de 102% de encargos sociais, que são compulsórios e inegociáveis”, o que constitui um desestímulo para a contratação, inibindo o crescimento econômico e a redução do desemprego. Esse é um dos fatores pelos quais a economia brasileira vem perdendo participação na economia mundial. Nos últimos 10 anos, o PIB brasileiro cresceu 2,2% ao ano, em média, 1,6% abaixo da média mundial

(3,8%). Isso empobreceu ainda mais a população nacional. O PIB *per capita* aumentou apenas 0,7%, contra 2,6% para o mundo como um todo. Nesse ritmo, será preciso um século para dobrar a renda *per capita* do país e chegar aos níveis atuais da Coreia do Sul e de Portugal. Isso é o resultado da falta de investimentos e da política recessiva do Governo Federal (CNI, 2006).

Além de estimular os investimentos produtivos, o governo precisaria reduzir a taxa real de juros e investir mais em infra-estruturas de transporte e energia, para reduzir os custos das empresas e aumentar a sua competitividade exportadora. Uma substancial desvalorização cambial também seria necessária, para retirar os efeitos da inflação sobre o câmbio, dada pela diferença entre a taxa de inflação interna e a inflação internacional.

Outro fator negativo sobre o crescimento econômico é o excesso de burocracia, pois hoje em dia é preciso 152 dias para se abrir uma nova empresa, contra apenas 4 dias no caso dos Estados Unidos. Acrescenta-se, ainda, o fato de que, antes de uma nova fábrica operar, o empreendedor precisa pagar 30% de imposto sobre o seu investimento, o que constitui um importante desestímulo à formação de capital, uma vez que reduz a rentabilidade dos projetos. Arrola-se aí também a insuficiência de crédito, a onerosa legislação trabalhista, que impede uma expansão maior do nível de emprego com carteira assinada. Isso explica porque nos últimos 10 anos, conforme o estudo referido da CNI, o PIB brasileiro cresceu apenas 22,4%, contra 45,6% para a economia mundial (CNI, 2006).

A Tabela 10 mostra que grande parte das empresas exportadoras brasileiras incorpora baixa intensidade tecnológica, atingindo 35,9% do total, em 2005. Nesse mesmo ano, 13,7% das empresas incorporavam tecnologia média baixa; somando-se esses dois grupos, chega-se a 49,6% no último ano da série. O restante das empresas (50,6%) se distribui entre empresas exportadoras de produtos não industrializados (21,4%), empresas incorporando tecnologia média alta (20,2%) e somente 7% do total com alta tecnologia. O aspecto positivo a ser assinalado da análise dessa tabela é que o percentual de empresas empregando tecnologia média e alta é crescente, enquanto o número das empresas que empregam tecnologia média e baixa é decrescente.

Tabela 10 - Estrutura das exportações do Brasil segundo a intensidade tecnológica, 2002/05 (%)

Intensidade tecnológica	2002	2003	2004	2005
- Baixa	37,9	38,8	37,7	35,9
- Média baixa	12,6	13,2	14,5	13,7
- Média alta	18,4	19,0	19,1	20,2
- Alta	9,2	6,4	6,3	7,0
- Não industrializados	20,2	20,9	20,9	21,4
- Não classificados	1,7	1,7	1,5	1,8
- Total	100	100	100	100

Como se pôde observar pela análise da Tabela 10, existe amplas possibilidades de crescimento para a economia brasileira, como para a economia gaúcha, visto que os segmentos da economia mundial que mais crescem são os intensivos em tecnologia, novos produtos, nas áreas de telefonia, informática e produtos eletrônicos de modo geral.

4.2 Perspectivas para a indústria gaúcha

A Tabela 6, anterior, apresentou o desempenho da economia gaúcha para 2003 a 2005, com projeção para 2006 segundo dois cenários diferentes (as duas últimas colunas). O Cenário I (otimista) é o da *coerência macroeconômica*, ou seja, o da manutenção da ordem econômica vigente, sem sobressaltos; o Cenário II (pessimista) é o do *rompimento macroeconômico*, em que o debate político teria reflexos negativos sobre o cenário macroeconômico nacional, mesmo na ausência de choques externos (o que pioraria ainda mais a situação).

A projeção da Tabela 6 fica complementada com as projeções para 2006 da taxa de crescimento de setores de atividade e do PIB do RS (Tabela 11).

Tabela 11 - Projeção de crescimento de setores de atividade e do PIB do RS para 2006

Taxa de crescimento setorial e do PIB	2005	2006	
		Cenário I	Cenário II
Agropecuária	- 6,00	4,20	3,00
Total da indústria	- 2,67	4,37	3,39
Extrativa mineral	5,50	6,50	4,80
Indústria de transformação	- 3,50	4,60	3,70
Construção civil	1,80	3,50	1,70
Serviços	1,44	2,07	1,34
PIB do RS	- 1,61	3,40	2,48

Fonte: Unidade de Estudos Econômicos da FIERGS. Balanço 2005 & Perspectivas 2006, p.5

(<http://aplicativos.sistemafiergs.org.br/docsfiergs.nsf>).

Examinando as Tabelas 6 e 11, observa-se que, para 2006, mesmo no cenário pessimista, não há projeção de desempenho negativo. A expectativa da FIERGS é o de que todos os ramos industriais terão desempenho satisfatório (na ausência de choques externos) porque em ano eleitoral o setor público acaba gastando mais, o que estimula a demanda, a produção e o emprego.

Entretanto, tendo em vista a defasagem de um ano dos efeitos da crise agrícola sobre o conjunto da economia (pelo que se observou nas tabelas anteriores), as projeções que se pode fazer do desempenho da economia para 2006 poderiam ser ainda mais pessimistas. Observou-se

na Tabela 6 que em 2004 somente a indústria da madeira apresentou desempenho negativo (-3,7%), apesar da grande seca do verão daquele ano; seus efeitos ocorreram em 2005, que também amargou uma grande estiagem, e cujos efeitos deverão se fazer sentir negativamente em 2006. Ademais, a agricultura gaúcha encontra-se no vermelho aguardando um pacote de ajuda financeira do Governo Federal, além dos incentivos da Medida Provisória do Bem, que deverá beneficiar as exportações da cadeia produtiva do agronegócio. A taxa de câmbio (R\$ 2,15 em março de 2006), valorizando o real em 28% desde julho de 2004, é um dos fatores que afetam a agricultura, pois a maioria dos produtos agrícolas tem seus preços fixados em dólares pelo mercado internacional, e que se traduz na redução de sua cotação em reais.

A estiagem de 2005, que reduziu 70% a produção física de soja e milho, é outro fator de redução da renda dos agricultores, que estão em dificuldades para pagar suas dívidas. Os preços encontram-se inferiores aos custos de produção, o que agrava a situação. Os agricultores reclamam que, além disso, há a elevada carga tributária, a precariedade das infra-estruturas de transportes. A conclusão é a de que, embora a safra de 2006 seja muito boa, e de que venha ajuda de Brasília, é provável que a indústria conheça um desempenho pior do que aquele projetado pela FIERGS.

Apesar dessas dificuldades, existem fatores positivos que agiriam na melhoria do desempenho da indústria gaúcha em 2006 e nos próximos anos. O primeiro deles é a boa safra de 2006; o segundo pode ser uma virada na política econômica a partir de janeiro de 2007, com a mudança do governo, não importando o partido que ele representar. Isso se explica porque a economia brasileira vive uma fase de estabilidade em que a memória inflacionária está se apagando da mente dos agentes econômicos. Muitos economistas estão sentindo que há espaço para um novo *programa de metas à la JK*,⁴ substituindo importações de bens com alto conteúdo tecnológico, investimentos em infra-estruturas de transportes e energia, entre outros. A construção das novas plataformas da Petrobrás, no país, foi um bom exemplo recente. Pode-se também pensar na produção de componentes eletrônicos para a indústria, hoje importados; em projetos conjuntos com outros países, com trens de alta velocidade e TV digital (associação com os japoneses).

Outro motivo de otimismo para os próximos anos são os investimentos programados por grandes empresas no Rio Grande do Sul, que se elevam a mais de R\$ 5 bilhões. Grupos como General Motors, John Deere, Wal-Mart, Sotera Enzo, Votorantim, Aracruz Celulose e Ventos do Sul estão apostando na capacidade da economia gaúcha. Em contra partida, lucra o Estado com a geração de empregos e renda, tornando mais densa a cadeia produtiva, comandada pela indústria

⁴ Talvez de forma mais modesta, sem a grande ousadia como foi a construção da nova capital federal.

de transformação.⁵

Contribui para atrair grandes investimentos de fora do RS a presença de um Governo Estadual comprometido com o desenvolvimento industrial e o bom desempenho das exportações gaúchas. Porém, são fatores essenciais para atrair novos investimentos a qualidade da mão-de-obra, os bons indicadores sociais, como foi visto acima, e a posição geográfica em relação aos países do Mercosul. Também contribui para a formação de capital a política de isenção de tributos, mas esses incentivos são temporários e o que atrai realmente o empresariado são as demais condições já apontadas, por serem duradouras.

Em função das baixas elasticidades-renda, produtos ligados às necessidades básicas deverão crescer um pouco mais lentamente no país como um todo (alimentação, bebidas, têxtil, vestuário, calçados), a menos que haja novas possibilidades de exportação, ou políticas mais arrojadas de redistribuição de renda. Esses setores dependerão do ritmo do crescimento econômico, pela inclusão das populações pobres nos mercados de consumo. Produtos químicos, derivados do petróleo, siderurgia e borracha deverão crescer na média da indústria. No setor de madeira e mobiliário há grandes possibilidades de crescimento pela existência de matérias-primas e pela possibilidade de aumento das exportações. Da mesma forma, há grandes possibilidades de crescimento do setor de plásticos, por seu uso no setor de embalagem (pela substituição do vidro e outros materiais); da indústria de equipamentos elétricos (domésticos, industriais, comunicações), pela maturidade do parque industrial gaúcho e brasileiro; do setor de material de transporte e de comunicações e a indústria aeronáutica (Bonelli & Pinheiro, s/d., p. 9-16).

4.3 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar a evolução da indústria gaúcha desde os anos de 1990, comparativamente aos demais setores econômicos e à economia brasileira, e traçar as perspectivas de seu crescimento para os próximos anos. Ressaltou-se que a economia gaúcha tem uma vocação exportadora, o que remonta à época das antigas charqueadoras. Durante muito tempo, o RS foi o celeiro do Brasil, exportando para outros estados alimentos e matérias-primas. Aos poucos, a base exportadora foi se diversificado, com a introdução da soja e de produtos manufaturados, como fumo, artefatos de couros e calçados. Mais tarde, a partir do final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, as exportações gaúchas foram diversificando seus mercados, com a penetração crescente no mercado internacional.

⁵ A Pirelli também está investindo no RS, no Município de Gravataí, onde se encontra a General Motors. Em março de 2006, sua produção de pneus radiais deverá subir de 400/ dia, para 1000 pneus/dia, ou de 1.600 empregos, para mais de três mil. Ele tornar-se-á o maior contribuinte de impostos depois da GM.

Em função de sua estrutura produtiva voltada à exportação, a economia gaúcha tornou-se muito sensível às condições climáticas e às mudanças da política econômica do Governo Federal. Com a abertura econômica dos anos de 1990, as exportações gaúchas cresceram 1,8% ao ano, em média, entre 1991 e 2001, contra 2,8% para a média nacional. O PIB gaúcho caiu nos períodos de 1990/94 e 1995/99 (-1,4% e -0,7%), apresentando desempenho pior do que o conjunto do Brasil (-1% e +2,2%) (Souza, 2002, p. 575).

Nesse período, as exportações de produtos semi-manufaturados cresceram acima da média (2,6%), com o pior desempenho para produtos básicos; em 2000, 68% das exportações gaúchas eram de produtos manufaturados. Nesse ano, 55% das exportações eram de bens intermediários e 8% de bens de capital. Isso indica a importância da indústria no comércio externo e na economia gaúcha como um todo. Enquanto o emprego industrial caiu 8,6% no conjunto do Brasil, ele se expandiu 4,4% no RS, entre 1990 e 2000, representando quase 25 mil novos empregos.

Com exceção do ano de 2005, os primeiros anos do século 21 foram melhores para o RS do que para o conjunto do Brasil, em termos de crescimento econômico, tanto para o PIB global, como para o PIB industrial. Nesses anos, os melhores desempenhos foram para máquinas agrícolas, borracha, química e têxtil; já em termos de pessoal ocupado, a maioria dos setores industriais gaúchos perdeu participação no total da indústria brasileira. Isso pode ser indicativo de maior intensificação tecnológica, com liberação de trabalhadores. Em termos de exportação, igualmente, após 2003, o RS vem perdendo participação no total nacional, o que pode ser um reflexo da política cambial adversa. A indústria de transformação aumentou sua participação no total das exportações e a perda de dinamismo das exportações gaúchas encontra-se na agricultura, o setor que mais sente as dificuldades cambiais e as quebras de safras.

Apesar dessas dificuldades, os bons indicadores sociais do RS, especialmente a qualidade de sua mão-de-obra e a proximidade dos países do Mercosul tem atraído capitais de fora do Estado. Isso sinaliza uma boa participação do Rio Grande do Sul no crescimento de novos setores no País, como aqueles intensivos em tecnologia e trabalho altamente qualificado. As dificuldades a serem enfrentadas pela indústria gaúcha são praticamente as mesmas do nível nacional: alta carga tributária, elevados encargos sociais do fator trabalho, reduzidos investimentos estatais em pesquisa e desenvolvimento, em infra-estruturas e na qualificação da mão-de-obra. Juros elevados, valorização cambial e falta de crédito de longo prazo são outros fatores inibidores do crescimento econômico. A classe empresarial e a sociedade como um todo esperam ventos mais favoráveis a partir de janeiro de 2007, quando assumir o novo Governo.

5 Referências

- BONELLI, Regis & PINHEIRO, Armando C. Desempenho econômico e dinâmica industrial no Brasil. Brasil. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio : (<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/sti/publicacoes/futAmaDilOportunidades/futIndOpoDesafios.php>). Acessado em 23/03/2006.
- CAVALCANTI, Marcos & GOMES, Elisabeth. A sociedade do conhecimento e a política industrial brasileira. Brasil. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio : (<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/sti/publicacoes/futAmaDilOportunidades/futIndOpoDesafios.php>). Acessado em 23/03/2006.
- CNI. Confederação Nacional da Indústria. *Notas Econômicas*, ano 7, n. 89, 15 mar. 2006. (<http://www.cni.org.br/f-ps-fxeco.htm>). Acessado em 28 mar. 2006.
- FIERGS. Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul. Unidade de Estudos Econômicos. *Balanco 2005 & Perspectivas 2006*, Porto Alegre, FIERGS, 124p. (<http://aplicativos.sistemafiergs.org.br/docsfiergs.nsf>). Acessado em 26/03/2006.
- PASTORE, José. Tecnologia, educação e legislação (seus impactos sobre o emprego). Brasil. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio : (<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/sti/publicacoes/futAmaDilOportunidades/futIndOpoDesafios.php>). Acessado em 23/03/2006.
- RIGOTO, Márcia & SOUZA, Nali de J. Evolução da educação no Brasil, 1970-2001. *Revista Analise*. Porto Alegre: PUCRS, v. 16, n. 2, dez. 2005.
- SOUZA, Nali Jesus. *Conseqüências econômicas da abertura comercial da economia brasileira, 1990/1998*. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (www.nalijsoza.web.br.com).
- SOUZA, Nali de Jesus. Exportações e crescimento econômico do Rio Grande do Sul, 1951-2001. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v.23, número especial, p.565-602, 2002.
- SOUZA, Nali de J. & RODRIGUES, Matheus P. da F. Evolução do emprego dos setores econômicos do Rio Grande do Sul, 1990/2000. *Revista Analise*. Porto Alegre: PUCRS, v. 15, n. 2, p. 435-463, dez. 2004.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.